



Glauco Rodrigues Carvalho

Pesquisador da
Embrapa Gado de Leite

Produção de leite na AMÉRICA DO SUL

A América do Sul tem registrado um crescimento da produção de leite próximo da média mundial, graças ao desempenho do Brasil, marcado por importante avanço na oferta, nas últimas décadas

Muito tem se discutido sobre a competitividade do leite brasileiro e os desafios que essa cadeia produtiva enfrenta. Em diversos países da América do Sul, os gargalos para a produção de leite e o desenvolvimento da cadeia são bastante expressivos também. A saída de produtores da atividade tem sido um movimento recorrente nos vários países, em diferentes intensidades. Crescimentos de produção por fazenda e ganhos de escala são observados praticamente no mundo todo. Nesse contexto, o objetivo da coluna “Leite em Números” deste mês é falar um pouco da produção em alguns países da América do Sul.

A América do Sul produz atualmente 61,4 bilhões de litros de leite, o que equivale a cerca de 9% da produção mundial. Nos últimos 17 anos (2000 a 2017) a produção mundial e a da América do Sul cresceram na mesma intensidade – cerca de 37%, o que corresponde a uma taxa anual próxima de 2% ao ano. Neste mesmo período, a produção brasileira expandiu 64,3%, o que é quase duas vezes a média mundial e sul-americana.

É importante destacar também o desempenho da América do Sul sem o Brasil. Nesta mesma comparação, a expansão da produção foi de apenas 15%. Ou seja, o Brasil foi responsável por puxar a produção da região. Isso porque a produção de leite do Brasil, além de crescer mais rápido que a média regional, responde por 54% da oferta de leite da América do Sul. Já na Argentina, Uruguai e Chile, para citar alguns exemplos de países tidos como competitivos, a expansão da produção foi inferior à brasileira.

Argentina | A produção de leite ficou estagnada nos últimos 17 anos e a participação na produção regional caiu de 22% para 16% entre 2000 e 2017. Têm sido recorrentes problemas climáticos naquele país, além de uma fragilidade macroeconômica de difícil solução. Falar de gestão de risco na Argentina é algo inimaginável. Em 2018, a taxa de câmbio se desvalorizou 99% em relação ao dólar. Isso tem um impacto profundo nos custos de produção de leite via preços dolarizados de milho e soja.

A inflação está em torno de 50% ao ano, o que corroi a renda das famílias mais pobres. O consumo *per capita*

argentino está abaixo do volume consumido em 1996. A taxa de juros anual está em torno de 60%, o que freia qualquer tentativa de investimento no setor produtivo. Com isso, o número de fazendas de leite recuou pela metade nos últimos 20 anos. A Argentina precisa exportar entre 15% e 20% de sua produção e, portanto, depende de custos baixos para torná-los competitivos internacionalmente.

Colômbia | A produção colombiana de leite aumentou 15% entre 2000 e 2017 e responde por cerca de 11,5% da produção da América do Sul. Apesar do crescimento da produção, a Colômbia importa um pouco de lácteos, sobretudo leite em pó. O crescimento da produção está sustentado tanto pelo aumento do número de fazendas quanto pela melhoria da produtividade das vacas. Apesar disso, o país ainda necessita melhorar a competitividade em custo, sobretudo da alimentação animal.

Uruguai | A produção de leite do Uruguai cresceu 44% entre 2000 e 2017, ganhando participação na produção da América do Sul. Mas a produção uruguaia ainda é muito pequena e responde por apenas 3,3% da produção sulamericana. Vale mencionar que o Uruguai possui uma estrutura de cadeia produtiva distinta, em que a principal cooperativa (Conaprole) é responsável por mais de 90% da captação de leite do país e ainda tem contrato de exclusividade com diversos varejistas nas vendas de produtos lácteos. Portanto, é uma estrutura bem mais integrada que a de outros países.

Apesar disso, tem sido frequente também a saída de produtores, com recuo de 35% nos últimos 20 anos. O Uruguai possui forte dependência de exportação para escoar a produção de leite, já que o consumo interno absorve apenas metade da oferta. Para isso, é fundamental ter custos bastante competitivos. O problema é que o país tem ficado muito caro, dificultando essa competitividade. Uma característica do país é a existência de grandes fazendas, o que tem sustentado a expansão da produção. As fazendas do grupo Olam, por exemplo, respondem por cerca de 10% do total nacional.